

## **Apontamentos sobre a caça da baleia em Barra Velha, SC, Brasil.**

Gloria Alejandra Guarnizo Luna<sup>1</sup>

### **Resumo:**

A caça da baleia foi amplamente explorada no Brasil entre 1602, data da expedição da primeira licença para caçar baleias no país, e 1986, quando foi proibida, depois de muita pressão de grupos ambientalistas que chamaram a atenção para acentuada diminuição destes cetáceos. Este artigo leva em consideração a memória sobre a caça da baleia em Barra Velha, norte de Santa Catarina, Brasil, através de entrevistas realizadas no ano 2000, com pessoas que estiveram ligadas de alguma maneira a esta prática, anos antes da suspensão da caça, tentando perceber sua sensibilidade perante esta atividade

**Palavras-Chave:** caça da baleia; relação homem-animal; Barra Velha (SC); influência ao meio ambiente.

### **Abstract:**

Whale hunting was widely explored in Brazil between 1602, the date of the first whale hunting license in the country, and 1986, when it was banned, after much pressure from environmental groups that drew attention to the marked decrease in these cetaceans. This article takes into account the memory of whale hunting in Barra Velha, north of Santa Catarina, Brazil, through interviews carried out in 2000, with people who were reconnected in some way to this practice, years before the suspension of hunting, trying to realize their sensitivity to this activity.

**Keywords:** whale hunting; human-animal relations; Barra Velha (SC); influence on the environment.

---

<sup>1</sup> Museóloga e Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

*O argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidência que valha por si mesmas, mas sim fazer registro «subjetivo» de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes.*

Paul Thompson

A interação entre o homem e o mundo natural é amplamente discutida na obra de Keith Thomas (1996) onde traz à tona a visão que o homem medieval europeu tinha (e que transmitiu para gerações posteriores) em relação aos animais: “O mundo foi criado para o bem do homem e as outras espécies deviam se subordinar aos seus desejos e necessidades”. Esta frase elucida a visão tradicional na Inglaterra nos períodos Tudor e Stuart (séculos XV e XVI) em relação à natureza. Conforme o mesmo autor, esta total falta de conscientização ecológica se dava em função de que os homens medievais pregavam que os animais eram desprovidos de sentimentos e sensações, o que justificava os métodos cruéis com os quais eram caçados e mortos. Em relação às baleias, a sua caça pode de certo modo ser entendida pelas palavras de Philip Doddridge (século XVIII): “o instinto que trazia ao litoral em cardumes parece uma sugestão de que eles se destinam ao uso humano” (Thomas, 1996, p.21). Nesse contexto e ainda hoje algumas pessoas se referem às baleias como peixes e não como mamíferos.

As baleias, como outros animais, foram utilizadas pelo homem de diferentes maneiras, por vezes preservados seja para fornecer alimentos ou produtos, seja para aliviar o homem do trabalho pesado do dia a dia; eliminados se constituíssem uma praga para os interesses do homem. O propósito de estudar o mundo natural na Europa medieval se resumia em que a “Natureza, desde que conhecida, será dominada, gerida e utilizada a serviço da vida humana” (Leiss, W. 1972, p. 23)

O presente texto é resultado da pesquisa desenvolvida nos anos 2000 no litoral centro-norte do Estado de Santa Catarina,<sup>2</sup> mais especificamente no município de Barra Velha, onde através de contatos com moradores locais me foram apresentadas fotografias que evidenciavam uma caça que ocorreu em época recente (década de 1950) e foi um acontecimento episódico que pode ter alterado sensivelmente a vida das pessoas que ali se encontravam. Além disso, a historiografia não aponta a existência desta prática nesta cidade.

---

<sup>2</sup> Entenda-se “litoral centro-norte de Santa Catarina”, os municípios de Porto Belo, Bombinhas, Itapema, Balneário Camboriú, Itajaí, Navegantes, Penha, Piçarras e Barra Velha.

Em sua obra, Myriam Ellis (1969) faz um levantamento histórico sobre a caça da baleia no Brasil colônia e referencia que esta prática se inicia no atual Estado da Bahia, em nove de agosto de 1602, quando foi expedida a primeira licença para caçar baleias. Em 1614 estabeleceu-se o monopólio da baleia restrita à Coroa, por ser compreendido que a baleia era um “peixe-real” e de propriedade da mesma (Ellis, 1969). “Décadas depois seriam estabelecidos instrumentos regulares para a pesca que, sob a forma de contratos, regulamentaram nos séculos seguintes os direitos e obrigações dos contratadores” da caça da baleia (Dias, 2010, p 97). Nesta época, pessoas vindas da Península de Biscaia, famosas pelas técnicas que desenvolveram para arpoar baleias, e patrocinados por Felipe II, Rei de Portugal e Espanha, ensinaram os pescadores locais a arte de capturar esses cetáceos que abundavam em águas brasileiras.

Com o interesse da Coroa Portuguesa em expandir a área de captura destes animais, as armações, termo que designa o local onde era feito todo o beneficiamento do animal capturado, foram sendo implantadas ao longo do litoral brasileiro nos estados da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. No território do atual Estado de Santa Catarina, segundo Piazza (1983), instalaram-se as armações de Ilha da Graça (São Francisco do Sul, 1807), Itapocorói (Penha, 1772), Nossa Senhora da Piedade (Governador Celso Ramos, 1740), Lagoinha (Desterro, atual Florianópolis, 1772), Garopaba (Garopaba, 1793) e Imbituba (Imbituba, 1796).

Nas armações, as baleias-francas (*Eubalaena australis*) que foram comuns no litoral sul do Brasil, foram exploradas sem nenhum tipo de controle. Estima-se que nas primeiras décadas, a média de baleias capturadas no Brasil era de três mil a quatro mil por ano, sendo as fêmeas e seus filhotes os principais alvos. “Dizimando as fêmeas adultas em idade reprodutiva e seus filhotes o resultado não poderia ser outro; em 1786 as capturas anuais caíram para mil baleias” (Baldassin, 2017). Até o início do século XIX, as baleias-francas foram quase eliminadas pela indústria baleeira, sendo que até 1989 presumia-se que existiam aproximadamente 4.000 exemplares em todo o planeta (Palazzo, M; Palazzo Jr., 1989). “Ao longo do tempo foram mudando as espécies capturadas, quando não era mais lucrativo explorar uma espécie, passavam a caçar outra e assim sucessivamente” (Baldassin, 2017).

Durante o início do século XX, principalmente na Europa, o aumento do consumo das barbatanas (placas dérmicas semelhantes a uma vassoura, na maxila das baleias, que tem a função de filtrar o alimento existente na água) para a confecção de artigos de vestuário e do óleo para iluminação, ocasionou o aumento da caça e conseqüentemente a diminuição do estoque de baleias e a falência de muitas armações brasileiras (Ellis, 1969). Contribuiu para este

problema, o fato de que algumas nações já estavam caçando baleias em alto mar e inclusive na região antártica, diminuindo o número de cetáceos que chegavam até a costa do litoral brasileiro.

Na década de 1960 o Brasil começou a colaborar com decretos internacionais de proibição da caça de baleias, e em 1986, o decreto presidencial número 7643 proibiu a caça e molestamento de cetáceos em águas brasileiras (Wedekin, 2011, p. 106), resultado de lutas de grupos ambientalistas e da mídia no país.

Na época em que a atividade baleeira estava no seu auge, a noção de “preservar” não existia, ou se existia não era preocupante, pois a abundância destes exemplares a serem caçados era relativamente alta (Ellis, 1969), e isso se percebe, tanto na leitura de relatos históricos, quanto nas lembranças daqueles que deram seus depoimentos durante o trabalho de pesquisa.

Acácio Borba Coelho, pesquisador e memorialista, natural de Barra Velha e homem apaixonado pela sua terra rememorou que, quando criança tinha muitas baleias na sua cidade natal,

quando estava na escola, perto daqui a gente saía da aula e vinha ver as baleias, estavam bem pertinho. Tiveram filhotes aqui. Eu estava na escola com seis, sete anos, isso em 1930. Isto até 1950 tinha muita baleia, muita, depois daquilo desapareceram.<sup>3</sup>

Trabalhar com um tema que naquele momento me parecia assustador, dentro de um enfoque ambientalista, mostrou-se compensador na medida em que passei a perceber o outro lado, o humano, que busca condições alternativas para garantir sua própria sobrevivência, apropriando-se, ou fazendo uso do lugar e dos recursos que o meio lhe oferece. Alguns animais durante um determinado tempo foram vistos pelo homem como um produto comercial em potencial, outros como sagrados, outros ainda malditos (porcos para judeus, baratas para a classe média ocidental). Seja na terra, na água, ou no ar, a exploração do homem dizimou alguns animais e deixou outros a beira da extinção.

Existem diversos trabalhos historiográficos<sup>4</sup> sobre a caça da baleia no sul do Brasil, onde são apresentados parâmetros econômicos e sociais referentes à época em que esta caça foi rentável no Brasil colonial ou à caça

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida por Acácio Borba Coelho em Barra Velha em 2 de fevereiro de 2000.

<sup>4</sup> Podem ser referenciados alguns autores que abordam este assunto: PIAZZA, Walter Fernando. Op.cit.; Cabral, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro**. Florianópolis: Lunardelli, 1979. v.1; entre outros.

industrial recente,<sup>5</sup> porém não apresentam relatos sobre o cotidiano das comunidades baleeiras. Entendo o cotidiano não um simples dia-a-dia, mas sim como um espaço político onde se desenvolvem idéias e ações. Envolve práticas, representações que são estratégias de sobrevivência, e, portanto, um espaço de luta, conflitos, tensões e experiências. O cotidiano não representa uma idéia de rotina, de lazer, de fatos contínuos e interligados, mas designa algo mais abrangente, capaz de captar de uma forma não ordenada, mudanças, rupturas, onde se formam novos conceitos de vida e novos modos de ser, dentro de uma multiplicidade de tempos (Dias Silva, 1998). Assim é possível perceber a cotidianidade através das memórias de sujeitos históricos.

Trabalhar com a memória destas pessoas, que estiveram direta ou indiretamente relacionadas à prática baleeira, envolveu uma série de atividades investigativas, como ir à procura de pescadores, já aposentados quando deram seus depoimentos, de suas famílias, dos estudiosos do tema, de historiadores, de antigos moradores do local investigado. Ainda permitiu a compreensão da construção de uma memória, entendida como sendo o conjunto de ideias e valores, monumentos e textos (Le Goff, 1994) a respeito da caça da baleia e a correlação do homem com estes animais e o meio ambiente.

No trabalho etnográfico foram realizadas cinco entrevistas que possibilitaram recuperar práticas sobre a caça da baleia, a partir de experiências dos agentes da ação, ou seja, homens e mulheres que experimentaram, viram, cheiraram, escutaram e trabalharam na prática baleeira. Todos os entrevistados relataram a existência da caça, porém não foram unânimes em relação ao número de baleias arpoadas, visto que os mesmos preocuparam-se muito mais em relatar o que sentiram e fora representativo no contato com estes animais.

Antenor de Góes, natural de Barra Velha, pescador aposentado, lembrou que foram chamadas pessoas da cidade para trabalhar no descarte de uma baleia arpoada, e que muitos se recusaram pelo odor putrefato que esta exalava, porém outros mais ousados trabalharam durante oito dias na baleia para tirar dela a camada de gordura, que devia chegar a 10 centímetros aproximadamente. Conforme lembrara Antenor, na praia onde foi feito o descarte, toda a areia estava encoberta de óleo do animal em decomposição. As pessoas da cidade se recusavam a chegar até a praia, “a maioria do óleo começava a apodrecer e ia se derretendo, ficava assim pela costa, eu fui lá e me lambuzei tudo, foi uma barbaridade, tudo ficava cheirando aquela banha”.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Desenvolvida no sul do Estado de Santa Catarina (Municípios de Garopaba e Imbituba), que perdurou até o final da década de 1980.

<sup>6</sup> Entrevista concedida por Antenor de Góes em Barra Velha em 15 de março de 2000.

Albino Alberto Severico, na época da entrevista com 78 anos, pescador desde os 15 anos de idade, também natural da cidade, contou que “toda Barra Velha fedia”, e mesmo nas cercanias da cidade se sentia o cheiro que as baleias produziam. Quando o animal tinha sido recém-morto o cheiro era forte, ficando ainda mais intenso no transcurso de alguns dias, devido a sua decomposição. Após a retirada do que restava do animal, o odor ficava ainda por vários dias na cidade, já que nem tudo era possível retirar da praia. O óleo se misturava à areia, permanecendo ali por vários dias até ser levado pelo mar. Albino lembrou que:

“O cheiro era demais, ela fresquinha já dava, deu ali na praia um dia e no outro íamos naquele morro lá, de lá dava pra sentir a catanga dela, num morrinho lá trás. Levou uns dias, mesmo depois que tiraram a baleia o cheiro ficou. Eu não ia lá porque lá fedia tudo, eu ficava longe. Liborio e mais uns trabalharam, cortaram a carne lá, ele mais alguns, eles vinham lá do Morro Grande para trabalhar na baleia, ficavam ali a semana inteira, semana? Ficaram quase um mês inteiro, olha que bicho! E aquele fedor. Ah! Eu não ia lá dentro, muita coisa se estragou pela praia só deixava o cheiro”.<sup>7</sup>

Liborio Luís André, também pescador da cidade, participou durante vários dias no desmonte de uma baleia. Contou que durante o descarte, realizado por alguns homens da cidade, as mulheres faziam fila para pegar a carne do animal morto, que servia para alimentação da família, e que a carne possuía sabor agradável, parecido ao sabor da carne de boi, só que um pouco mais forte seu cheiro e sabor. Lembrou que “durante alguns dias era possível comer a carne, depois a baleia começava a apodrecer, ainda na praia, e ninguém mais conseguia chegar perto no animal, e nem muito menos comer a carne”.<sup>8</sup>

O cheiro foi um dos focos principais ressaltados por Acácio Borba Coelho e contou que durante o processo de descarte de uma baleia arpoada na praia de Barra Velha, o cheiro que esta exalava era insuportável,

“mataram duas, mataram essa e depois tiraram a banha, o resto apodreceu na praia, foi uma barbaridade! Depois ninguém conseguia chegar da igreja pra baixo, era um fedor maluco. O intestino dela era muito grande e o levaram pra fora da canoa, puxado e de repente a onda trazia de volta pra praia, e aquilo era um fedor desgraçado”.<sup>9</sup>

Com as entrevistas realizadas neste município foi possível perceber nestas pessoas a sensibilidade do olfato, perante outras abordagens que estavam sendo construídas no momento. O homem não pode escapar ao

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida por Albino Alberto Severico em Barra Velha em 15 de março de 2000.

<sup>8</sup> Entrevista concedida por Liborio Luís André em Barra Velha em 15 de março de 2000.

<sup>9</sup> Entrevista concedida por Acácio Borba Coelho em 2 de fevereiro de 2000.

aroma, pois ele é irmão da respiração (Süskind, 1999). Assim essas pessoas, que participaram de alguma maneira nesta atividade, perceberam o odor produzido nos locais onde se desenvolveu a prática baleeira. O cheiro fétido que a baleia produzia foi tão estranhamente diferente aos odores normais do dia a dia, que se tornou um aspecto significativo nas suas vidas. Ou seja, aquilo que os fez lembrar o dia em que estas baleias foram mortas está ligado à sua sensibilidade. Esta sensibilidade é notável através das falas, do que foi dito a respeito, das expressões faciais e gestos articulados quando se referiam aos animais mortos na praia de Barra Velha.

Outra abordagem a respeito da caça da baleia na região de Barra Velha é discutida através dos apontamentos de Acácio Borba Coelho, que durante vários anos de sua vida se dedicou a obtenção de informações que pudessem organizar uma narrativa histórica para o município. Esta preocupação com a memória da sua terra o levou a escrever vários apontamentos (Coelho, 1997) na década de 1990, onde fez uma abordagem genealógica da formação de Barra Velha. Seus relatos a respeito da fundação da cidade correlacionam experiência de vida junto de fontes escritas,<sup>10</sup> citando que a formação de Barra Velha está relacionada à pesca da baleia:

“Joaquim Alves da Silva veio a Barra Velha com a incumbência de fundar entre Barra Velha e Itajuba, uma extensão da armação de Itapocorói, tendo inclusive, construído com escravos, os alicerces de um galpão para receber os fornos de cobre com a finalidade de derreter o óleo das baleias capturadas”.<sup>11</sup>

Esta imagem que ele forma da cidade também remonta aos tempos de infância, lembrando os dias quando caminhava com seu pai, pois ele ia-lhe mostrando a cidade. Contou que, em uma destas caminhadas, seu pai o levou até a praia das “pedras brancas” para lhe mostrar os alicerces feitos com óleo de baleia de uma antiga construção destinada a abrigar uma extensão da Armação de Itapocorói (Coelho, 1997). Essas construções foram derrubadas para dar espaço à construção civil.

Através das lembranças que Acácio Borba tinha da cidade, e especialmente dessa construção feita de óleo de baleia, foi possível perceber na suas narrativas certa inquietação em poder tornar público o conhecimento daquilo que ele teve o privilégio de ver durante sua época de criança. O narrador também mencionou a caça de duas baleias na praia de Barra Velha, e

---

<sup>10</sup>Durante uma das entrevistas realizadas com Acácio Borba, foi citado um trecho da obra de Saint-Hilaire (Saint-Hilaire. *Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina*. São Paulo: Itatiaia, 1978) na qual este visita as terras do atual Município de Barra Velha e encontra uma casa. O entrevistado acreditava que esta casa era de Joaquim Alves da Silva, a quem é atribuída a fundação de Barra Velha.

<sup>11</sup>Entrevista concedida por Acácio Borba Coelho em Barra Velha em 2 de fevereiro de 2000.

que esta teria sido feita por uma empresa de cola do Município de Joinville (SC), que extraiu delas o toucinho para ser derretido e ser misturado ao restante da massa para dar um melhor resultado na composição do seu produto. Acácio rememorou ainda que,

“há muito tempo que eles estavam tentando matar uma baleia, mas não tinha mais já, aí conseguiram alguém lá do sul do estado, que conhecia a caça da baleia, e vieram pra cá. Então as baleias estavam aqui bem pertinho, entre aquelas pedras lá, e a praia”.

A existência de uma empresa de Joinville (SC), que teria sido a maior compradora de óleo de baleia obtido dos animais mortos pelas companhias baleeiras de Imbituba (SC), é citada por Palazzo e Palazzo Jr. (1989). Apesar disto, não é possível afirmar que ambas as referências tratem da mesma empresa, porém a maioria dos entrevistados citou que os arpoadores contratados para trabalharem em Barra Velha na caça da baleia eram de Imbituba, o que ressalta a possibilidade desta hipótese ser confirmada.

A historiografia não apresenta Barra Velha como uma cidade onde se desenvolveu a prática baleeira em potencial, já que os lugares onde era praticada a caça da baleia recebiam a denominação de “armação”, termo que provinha da expressão “armar a pesca da baleia” ou “armar as baleias”(Palazzo, M; Palazzo Jr., 1989). Porém o que se percebe através das lembranças de alguns moradores desta cidade é que a prática, mesmo que sendo esporádica, representou um momento significativo na vida daquelas pessoas. Nas entrevistas, quando era abordada a questão da caça da baleia, todos tinham um comentário a fazer. Mesmo que não estivessem envolvidos diretamente, faziam referências sobre pessoas que eles conheciam que sabiam da história, ou que participaram da atividade. Isto nos permite captar as reminiscências das práticas ligadas à atividade baleeira, o que ela significou, sua importância, seu lugar na história.

Entendo que na memória só fica aquilo que tem um significado, pois ela está ligada aos sentimentos, à sensibilidade, às emoções. Relatá-la possibilita lidar com determinados elementos aparentemente insignificantes, mas que ajudam a compreender as diversas formas de representar-se no mundo daquelas pessoas, seu cotidiano, suas experiências.

Mesmo que não tenha sido uma atividade rotineira, e isto aparece constantemente nos relatos daqueles que estiveram ligados ou não à prática baleeira, a caça da baleia ocorreu na região de Barra Velha (SC), porém omitida pela historiografia sobre o tema.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baldassin, P. (2017). *A caça de baleias no Brasil*. IGUI Ecologia. São Paulo. Disponível em <https://www.iquiecologia.com/caca-de-baleias-no-brasil/>
- Cabral, O. R. (1979). *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli
- Coelho, A. G. B. (1997). Barra Velha “Colônia Açoriana”. *Gazeta Litoral Norte*. Barra Velha, ano 2, n. 70, p. 6, 18-24 out.
- Dias, C. B. (2010). *A pesca da baleia no Brasil colonial: contratos e contratadores do Rio de Janeiro no século XVII*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense - UFF. Disponível em <https://nea.ufsc.br/files/2018/07/A-pesca-da-Baleia-no-Brasil-colonial.pdf>
- Dias Silva, M. O. (1998). Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. *Revista do programa de estudos pós-graduados em história e do Departamento de história: Projeto 17 História trabalhos da memória*. São Paulo. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11148/8179>
- Ellis, M. (1969). *A baleia no Brasil colonial*. São Paulo: Melhoramentos.
- Le Goff, J. (1994). *História e memória*. São Paulo: UNESP.
- Leiss, W. *The domination of nature*. New York: Oxford, 1972.
- Piazza, W. F. (1983). *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Ed. Da UFSC.
- Palazzo, M.; Palazzo Jr., J. T. (1989) *S.O.S. baleia*. Porto Alegre: Sulina.
- Saint-Hilaire. (1978). *Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina*. São Paulo: Itatiaia.
- Süskind, P. (1999). *O perfume*. Rio de Janeiro: Record.
- Thomas, K. (1996). *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Thompson, P. (1992). *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- Wedekin, L. L. (2011). *Ecologia populacional da baleia-jubarte (Megaptera novaeangliae Borowski, 1987) em sua área reprodutiva na Costa do Brasil, Oceano Atlântico Sul*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná - UFPR